

A Argentina retoma o crescimento

Martín Ravazzani
El Cronista
Buenos Aires

Tanto o governo quanto os analistas do setor privado prevêem que durante 1996 a Argentina irá retomar a trilha do crescimento, depois de ter atravessado um retrocesso de 2,5% em 1995. As previsões de crescimento para o Produto Interno Bruto (PIB) argentino variam entre 5% (meta oficial) e 2% a 3%.

Mas em 1996, o destino será diverso para os mais variados setores, já que dentro do processo de mudanças estruturais vivido pela economia argentina, as atividades que dependem do consumo interno estão perdendo posições em comparação com o maior dinamismo encontrado nos setores mais com-

petitivos no comércio exterior. Depois de ter sofrido - e suportado - as consequências do "efeito tequila" durante quase todo o ano de 1995, as perspectivas externas são mais favoráveis em relação à Argentina. Os preços dos commodities agrícolas se mantiveram em alta, e com isso as exportações foram beneficiadas. Nesse aspecto, as previsões são de que o país volte a apresentar um superávit comercial.

As taxas de juros se manteriam nos níveis atuais (a não ser em circunstâncias extremas como, por exemplo, as resultantes de eventuais turbulências no sistema bancário japonês). O custo internacional do dinheiro é um elemento de grande importância em razão da pesada dívida externa do país, que se encontra em torno de US\$ 90 bi-

lhões. Depois de atravessar vários trimestres de déficit (ainda que moderado) nas contas públicas, o país deve apresentar mudanças estruturais que assegurem a solvência fiscal de longo prazo. O governo deseja dar prosseguimento aos seus planos de uma nova reforma do Estado, não apenas para reduzir os gastos públicos federais (de US\$ 41 bilhões por ano), mas também para torná-lo mais eficiente.

Essa questão é fundamental para assegurar o financiamento externo em um ano no qual as necessidades do setor público (federal e provincial) estarão em torno de US\$ 8 bilhões a US\$ 11 bilhões (segundo as diferentes hipóteses que podem ser traçadas para o comportamento fiscal de 1996).

O governo fará todo o possível para manter a disciplina fiscal e o Plano de Conversibilidade, e com isso ele aposta em uma inflação baixa para 1996, na ordem de 3% a 4% ao ano. O governo também exigirá um forte ajuste em algumas províncias, nas quais o déficit público aumentou substancialmente em consequência da crise financeira do início de 1995.

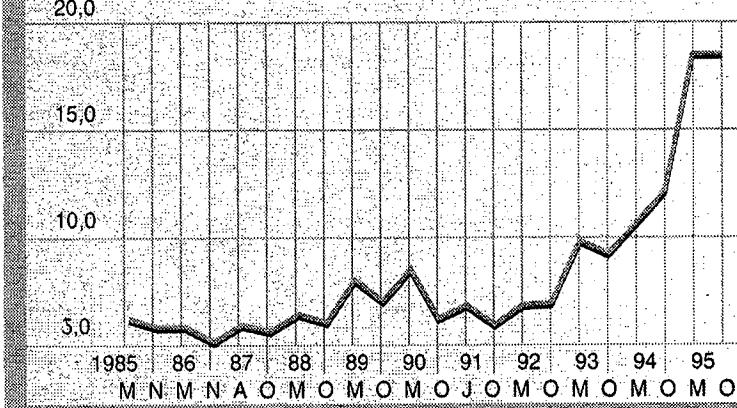
O mapa de investimentos apresenta variações significativas. Os setores nos quais o país possui vantagens comparativas - como o de alimentos e o de energia - se mostram particularmente dinâmicos.

As grandes mudanças que estão sendo realizadas na economia argentina também permitem a previsão de baixas importantes e o sur-

Editoria de Arte/Gazeta Mercantil

Desemprego na Argentina

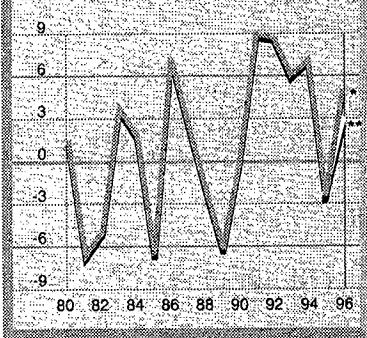
(Em % da População Economicamente Ativa)



Fonte: Instituto Nacional de Estatística e Censos (Ines)

Produto Interno Bruto

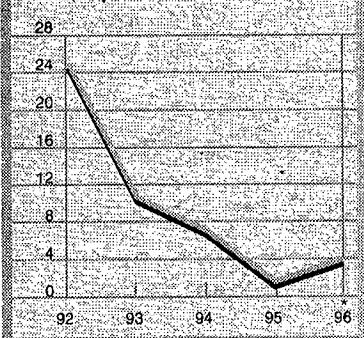
(Crescimento real - em %)



Fonte: FMI e Centro de Informações da Gazeta Mercantil
* Estimativa do governo da Argentina
** Estimativa do mercado

Inflação

(Preços ao consumidor - em %)



Fonte: FMI e Centro de Informações da Gazeta Mercantil
* Estimativa do governo da Argentina
** Estimativa do mercado

gimento de novos setores. Se estima um aumento na concorrência entre os grandes hipermercados, e com isso não se poderá estranhar o desaparecimento de uma parte importante do comércio varejista tradicional. Se espera uma situação inversa para atividades como a mineradora, que está recebendo importantes investimentos.

O maior preço que a Argentina está pagando pela reforma econômica é o aumento da taxa de desemprego, que alcançou 16% em outubro passado. Mesmo que a reativação prevista para 1996 possa atenuar o problema, não se vislumbra a possibilidade de uma queda

significativa no nível de desemprego, pelo menos em um curto prazo.

O aumento irregular na carteira do sistema financeiro é uma outra consequência indesejada, e para esse problema também não são vistas soluções fáceis. Para a maioria das empresas, as taxas de juros internas representam uma pesada carga no marco de uma economia aberta e quase sem inflação.

Em síntese, 1996 se mostra como um bom ano para a Argentina, mas não são poucos os esforços que devem ser empregados em termos de disciplina fiscal, investimentos ou para a projeção do comércio exterior. ■